

## A Representação Da Drag Queen Na TV Aberta Do Brasil<sup>1</sup>

Lucas GRITTI<sup>2</sup>

Fátima GIULIANO<sup>3</sup>

Universidade Luterana do Brasil, Canoas, RS

### RESUMO

O objeto de pesquisa deste artigo é a representação da Drag Queen na TV aberta do Brasil. O objetivo geral da pesquisa é analisar esta representação sob o ponto de vista das próprias Drags. Os objetivos específicos são verificar se as Drag Queens se identificam com sua imagem representada na TV aberta e como se caracteriza essa representação. Os conceitos estudados foram Drag Queen, através de Jaqueline Gomes de Jesus (2012) e Louro (2004); personagem com Brait (1985); e representação com Stuart Hall (2016). Para responder o problema deste artigo, a metodologia utilizada foi qualitativa. As principais conclusões mostraram que a Drag Queen não é representada, em sua totalidade, na TV aberta brasileira em relação à diversidade de seu estilo e dos perfis de profissionais da arte.

**PALAVRAS-CHAVE:** Personagem; Representação; Drag Queen.

### Introdução

Drag Queens são performistas que usam da feminilidade estereotipada e exacerbada para fazer shows e espetáculos, sendo que sua personagem não tem relação com identidade de gênero ou orientação sexual<sup>4</sup>. Esta personagem é um ser fictício, sendo que “as personagens representam pessoas, segundo modalidades próprias da ficção”<sup>5</sup>, como atores e atrizes, por exemplo. Na última década, se tem visto um aumento da popularidade desta arte no Brasil e no mundo. Um exemplo disso é o *reality show* *Rupaul’s Drag Race* que veicula, desde 2009, no canal fechado *LogoTV*, nos Estados Unidos. Desde então, também passou a ser exibido na Netflix, virou nome de grupos em

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ- DT2. Intercom Junior – Publicidade e Propaganda, da Intercom Júnior – XIV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Graduado do Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda – ULBRA - RS, e-mail: [lucasg2013@hotmail.com](mailto:lucasg2013@hotmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Comunicação Social – Publicidade e Propaganda – ULBRA - RS, e-mail: [fatimapointer@gmail.com](mailto:fatimapointer@gmail.com)

<sup>4</sup> Disponível em [https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES\\_POPULA%C3%87%C3%83O\\_TRANS.pdf?1334065989](https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989)> Acesso em: 26 nov. 2016

<sup>5</sup> Disponível em <https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/brait-b-a-personagem.pdf>> Acesso em: 05 dez.

redes sociais, entrou para o canal fechado *Multishow* no Brasil, e sua nona temporada está sendo exibida, desde março de 2017, no canal pago *VH1*, dos Estados Unidos. O programa ajudou a criar uma nova geração de Drag Queens e tem dado inspiração para produções brasileiras como o “Drag-se” e a “Academia de Drags”, exibidas pelo Youtube. A visibilidade do assunto Drag nas redes sociais e tutoriais na internet também ajudaram na expansão da arte e do conhecimento Drag<sup>6</sup>.

Percebe-se, então, que a Drag Queen tem sido tema em diferentes canais, mesmo que direcionados, portanto, o objeto de estudo desta pesquisa é a representação da Drag Queen na TV aberta brasileira. O objetivo geral é analisar esta representação sob a ótica das próprias Drag Queens. Os objetivos específicos são verificar se as Drag Queens se identificam com sua imagem representada na TV aberta do Brasil e como se caracteriza essa representação.

De acordo com Spink (1993, p.302), representação é a reprodução daquilo que se pensa, é o “conteúdo concreto apreendido pelos sentidos, pela imaginação, pela memória ou pelo pensamento”<sup>7</sup>. Para Chartier (1991), representação é a imagem de um objeto que lhe representa porque é legítima a ele<sup>8</sup>. Para Hall (2016) representação se relaciona com linguagem e cultura, na produção de significados e na interpretação de sentidos pela representação.

O problema da presente pesquisa é: qual a representação da Drag Queen na TV aberta brasileira? Para responder a este questionamento foi feita uma pesquisa de abordagem qualitativa e nível exploratório. A coleta de dados foi realizada através de um grupo focal. Participaram do grupo focal cinco Drag Queens do Rio Grande do Sul. No encontro, três vídeos que abordavam o tema Drag Queens de programas da TV aberta brasileira, de diferentes emissoras, foram apresentados às participantes. Os programas selecionados são direcionados a diferentes públicos e são eles: Amor e Sexo, da Rede Globo, que vai ao ar no turno da noite; Encontro com Fátima Bernardes, também da Rede Globo, que vai ao ar pelas manhãs e Casos de Família, do SBT, que vai ao ar durante a tarde. Os episódios dos programas foram selecionados, pois foram exibidos nos últimos

---

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/02/reality-show-americano-inspira-nova-geracao-de-dragqueens-no-brasil.html>> . Acesso em 04 Abr. 2017.

<sup>7</sup> Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v9n3/17.pdf>> Acesso em: 27 nov. 2016

<sup>8</sup> Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf>>. acessos em 27 nov. 2016.

---

dozes meses anteriores a este artigo e, também, porque tentam explicar a arte Drag Queen e exibem sua performance.

### **Drag Queen**

Drag Queens são pessoas que usam a feminilidade em exagero para fazerem espetáculos na forma de um personagem. De acordo com Chidiac e Oltramari (2004, p. 1), “a *drag* possui características físicas e psicológicas, além de posturas e atitudes, que são próprias da personagem e que a distinguem do sujeito que a compõe”.

A construção desta figura já acontece há milênios e sua raiz pode ter relação com personagens históricas do teatro. A figura do ator pode estar ligada ao conceito de Drag Queen, por se tratar de uma pessoa que se transforma em um personagem para interpretá-lo em shows e espetáculos, porém, mais forte que isso, a história do teatro tem a figura de um homem que interpreta o gênero feminino para entretenimento, se assemelhando à Drag Queen. Nesta história, a “drag queen sofreu metamorfoses reais tanto em sua estética como em sua função, mas nunca perdeu seu principal objetivo – a grande arte do estranhamento”<sup>9</sup>. No início do teatro, conforme mostra Amanjás (p.10), por questões sociais e culturais, apenas homens podiam atuar. Aos poucos, os papéis interpretados por homens foram ficando mais cômicos e direcionados ao exagero. Foi depois disso, durante o século XVIII, que esta arte começou a ser ligada ao homem homossexual, a uma imagem satírica e a vestimentas luxuosas. As mudanças no teatro como a inserção da mulher alteraram o caminho das Drag Queens, que voltaram mais tarde ao espetáculo, com papéis direcionados à comédia. Com Baker (apud Amanajás), a Drag Queen “entrou no século XX com largo sorriso, as mãos na cintura, vestindo roupas estranhas parodiando a alta moda, um ninho de pássaro como peruca e uma maquiagem descontroladamente exagerada” (1994, p.161).

No século XX, as representações do feminino já eram caricatas interpretando alguma questão social típica deste mundo, de forma cômica. Na segunda metade do século, a Drag perdeu seu espaço devido às novas formas de entretenimento, como a televisão. Depois disso, a arte Drag ressurgiu em bares periféricos, fazendo parte da identidade do mundo gay, que começou a ser mais explorado. Nas décadas de 1970 e 1980, as Drags alcançaram o rádio, a TV e o cinema, através do conhecido filme *Priscila, a Rainha do Deserto*. Conforme descreve Amanajás, a luta política vivenciada pelos

---

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://www.belasartes.br/revistabelasartes/downloads/artigos/16/drag-queen-um-percurso-historicopela-artedos-atores-transformistas.pdf>> Acesso em: 18 de abr. 2017.

---

homossexuais e a figura da Drag inserida no meio, tornou a artista um símbolo do mundo gay. Hoje, o mundo Drag ficou mais amplo e conta com diferentes estilos de artistas. A Drag Queen não precisa mais estar diretamente ligada à representação do feminino, havendo estilos que representam desde o gênero fluído até o surrealismo.

A página do Facebook *Draglicius* fala sobre vários desses tipos de Drag. Cada artista Drag escolhe sua persona representada de acordo com os ideais de seus personagens, não havendo formas exatas de ser Drag Queen. Porém, para entender a diversidade artística do mundo transvestido, alguns exemplos de estilos de Drag Queen mais populares são: *Drag King*, *Fish*, *Genderfuck*, *Faux Queen*, *Impersonator*, *Pageant Queen*, *Camp* e *Tranimal*.

*Drag King* é a pessoa que personifica o gênero masculino;

*Fish* são Drags que buscam se assemelhar ao padrão feminino de beleza;

*Genderfuck* são Queens que trabalham com o gênero masculino e feminino ao mesmo tempo;

*Faux Queen* é a mulher que faz Drag Queen dando personagem ao seu lado *Queer*<sup>10</sup>;

*Impersonator* é a que se inspira em personalidades artísticas já famosas;

*Pageant Queen* é a que participa de concursos, como os de beleza;

*Camp* é a Drag teatral que busca romper padrões de beleza, valores e gostos;

*Tranimal* se caracteriza pela Queen que brinca com o surrealismo, usando questões sociais e culturais<sup>11</sup>.

É necessário diferenciar, também, a vivência de gênero da Drag Queen como funcionalidade da identidade. Para Jesus (2012), o gênero como identidade se caracteriza pelas transexuais e travestis, já como funcionalidade, pelas Drag Queens, *crossdressers* e transformistas. Para a autora, a transexualidade é uma questão de identidade e não tem relação com orientação sexual. Se trata de uma pessoa que se identifica com o gênero oposto daquele que lhe foi concebido ao nascer. A Drag Queen vive o gênero feminino

---

<sup>10</sup> Queer, segundo Chidiac e Oltramari, “quer dizer algo como estranho, raro ou mesmo excêntrico. Foi significado positivamente, pois anteriormente era relacionada com um xingamento homófobo.”(2004, pág. 473).

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/dragliciouz/photos/a.745965845529648.1073741846.634123310047236/741927252600174/?type=3&theater>>. Acesso em: 18 de abr. 2017.

de forma funcional, estando em um personagem por um determinado tempo e sua identidade de gênero ou orientação sexual não tem relação com esta personagem. Já, travestis, a autora define como “pessoas que vivenciam papéis de gênero feminino, mas não se reconhecem como homens ou como mulheres, mas como membros de um terceiro gênero ou de um não-gênero”<sup>12</sup> (2012).

A Drag Queen é uma pessoa que interpreta uma personagem, mas esta personagem é independente do artista. A Drag Queen pode ser qualquer pessoa que faz performance como arte, independe de seu sexo, orientação sexual e identidade de gênero.

Louro (2004) fala da relação sexo, gênero e sexualidade. Sobre determinada premissa, um sexo, culturalmente, indica um gênero e, este gênero, uma sexualidade. O sexo (neste caso a genitália), determina, em consequência, um gênero, que é a forma como essa pessoa se identifica. Este gênero, indicaria sua sexualidade que, dentro desta premissa, diz que o homem, por exemplo, se sente atraído por mulheres, seu sexo oposto.

A concepção binária de heterossexualidade/homossexualidade e feminino/masculino fazem acreditar que o que é diferente, é transgressor e incompreensível, pois estão fora das normas regentes. Como afirma Louro (2004, p. 82), “as normas regulatórias voltam-se para os corpos para indicar-lhes limites de sanidade, de legitimidade, de moralidade ou de coerência. [...] aqueles que escapam ficam marcados como corpos - e sujeitos - ilegítimos, imorais ou patológicos.” Porém, não há como afirmar que esta sequência sexo-gênero-sexualidade, ou que seus transgressores, possam “fluir ou emanar com segurança”. Como afirma a mesma autora, “em ambas as direções, é no corpo e através do corpo que os processos de afirmação ou transgressão das normas regulatórias se realizam e se expressam”. Dentro de uma cultura, os sinais e códigos culturais transmitidos pelos corpos fazem referência e dão sentido aos sujeitos.

### **Personagem**

A personagem, como afirma Brait (1985), é um ser ficcional que representa pessoas, seu problema é linguístico e não existe fora das palavras. A autora explica que para entender o que é a personagem, é preciso entender a autonomia de sua ficção, a forma como o autor encontrou para representar esta personagem e seu contexto linguístico.

---

<sup>12</sup> Disponível em  
<[https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES\\_POPULA%C3%87%C3%83O\\_TRANS.pdf?1334065989](https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989)> Acesso em: 26 nov. 2016

---

A mesma autora também fala da invenção e representação da personagem. Ao mesmo tempo que a personagem é um ser ficcional, ou seja, não existe de verdade e é uma invenção, ela representa algo no mundo real, mantendo uma relação íntima com o mundo dos seres humanos.

Candido (1968) fazendo referência a Forster (1949), afirma que a personagem é como um ser vivo, com características que dão impressão e lembram um ser existente. Com ênfase à personagem do romance, Candido (1968), afirma que é por causa da relação da personagem com a realidade que ela se concretiza. A leitura da personagem acontece devido a sua relação com o mundo real.

No caso da Drag Queen, sua personagem é inventada, mas a sua representação do feminino ou, ainda, sua inspiração no surreal, tem como base algo da realidade traduzido através da linguagem de seu criador(a).

### **Representação**

Para construir um diálogo e se comunicar, é preciso utilizar signos e símbolos de uma cultura. O diálogo acontece porque seus participantes fazem parte da mesma cultura e compartilham dos mesmos significados sobre as coisas. Para interpretar o mundo de maneira semelhante a linguagem constrói significados e esta interpretação funciona como um sistema representacional. De acordo com Hall (2016), “afirmar que dois indivíduos pertencem à mesma cultura equivale a dizer que eles interpretam o mundo de maneira semelhante e podem expressar seus pensamentos e sentimentos de forma que um compreenda o outro.” Desta forma, os significados culturais circulam na cabeça de seus participantes, organizam suas vidas e dão significado ao mundo ao seu redor.

Há grande importância nas práticas culturais, segundo Hall (2016), afinal são os participantes de uma cultura que dão sentido às coisas. O mesmo autor afirma que “o sentido é constantemente elaborado e compartilhado em cada interação pessoal e social da qual fazemos parte” (p.22). Este sentido também é produzido através das mídias de massa, que os fazem circular em grande escala. São estes sentidos propagados que auxiliam uma sociedade a regular e organizar sua conduta e práticas sociais, sempre levando em conta que este sentido é mutável, além de ser “um diálogo – sempre parcialmente compreendido, sempre uma troca desigual”, em constante movimento. De acordo com a abordagem construtivista de Hall (2016), as práticas de uma sociedade, dentro da mesma cultura, definem os conceitos das coisas, pessoas, imagens, etc. É uma

---

construção social que utiliza o sistema de representação para dar sentido através da linguagem.

Sobre o “outro”, Hall (2016) fala sobre a representação do diferente. Mesmo dentro de uma cultura com uma interpretação semelhante do mundo, ainda há diferenças e estereótipos que têm ligação direta com o sistema de representação. O autor foca nas imagens propagadas nas mídias de massa e na cultura popular, contesta imagens negativas relacionadas à raça, em como a mídia privilegia algum significado e em como algo diferente fica exposto a uma combinação binária de representação.

O significado do diferente depende do significado de seu oposto. Para definir a diferença de algo ou alguém, há a necessidade de comparação com o seu oposto, o conhecido e, geralmente, o dominante. O autor utiliza o caso das raças. Ao definir uma pessoa como “preta”, há a oposição à pessoa “branca” – formas que reduzem a diversidade do mundo, mas que criam um estereótipo da minoria, em relação ao dominante. Foi através dos anos e das representações que estas imagens começaram a ser questionadas, como em filmes que começaram a tratar a diferença racial como um problema. Então Hall aborda o tema da transcodificação, que segundo ele é a “tomada de um significado existente e sua colagem em um novo significado” (2016, p. 212). O movimento dos direitos civis, filmes que valorizavam estereótipos negativos, a inversão da oposição binária na representação, a representação em séries de TV e a fotografia são mostrados como estratégias para contestar a representação estereotipada. A representação do diferente também depende do conhecimento e da aceitação como compreensível dentro de uma cultura.

### **A Representação Da Drag Queen Na TV Aberta Do Brasil**

Como afirma Hall (2016), a mídia de massa é um importante veículo na construção de sentido dentro de uma cultura. Pensando nisso, o objetivo geral deste artigo é analisar a representação da Drag Queen na TV aberta do Brasil. Os objetivos específicos são verificar se as Drag Queens se identificam com sua imagem representada na TV aberta do Brasil e como se caracteriza esta representação. Os resultados desta pesquisa são apresentados nesta seção.

Para responder aos objetivos citados, a coleta de dados foi feita através de um grupo focal. Inúmeras Drag Queens foram contatadas durante os meses de abril e maio para buscar participantes para o grupo focal que foi realizado no dia 3 de junho de 2017, em Porto Alegre – RS. O perfil de Drag Queen não foi definido a fim de buscar uma

---

variedade de estilos presente no mundo da arte. Dez Drag Queens da grande Porto Alegre aceitaram participar da pesquisa. Nesta relação, há Drag Queens de diferentes raças e identidade de gênero, como homens negros, brancos, transexuais, cisgêneros e mulheres, assim como diferentes orientações sexuais e uma variedade de estilos de Drag Queens. Das dez Drag Queens que confirmaram presença, cinco participaram da pesquisa, porém, o perfil das Drag Queens que participaram e seu trabalho mantiveram a diversidade de estilos buscada na pesquisa.

A metodologia de grupo focal contou com duas moderadoras. A fim de coletar dados para análise, foi usado um roteiro e o áudio da entrevista foi gravado. Todas elas assinaram um termo de consentimento para a entrevista. Para a análise da representação da Drag Queen na TV aberta do Brasil sob o ponto de vista da própria profissional, foram selecionados três episódios de programas nacionais exibidos no ano anterior a este artigo. Os programas escolhidos apresentam Drag Queens explicando sua arte e fazendo suas performances. Os programas selecionados são: Amor e Sexo, da Rede Globo, exibido dia 2 de março de 2017; Encontro com Fátima Bernardes, também da Rede Globo, exibido dia 7 de abril de 2016; e Casos de Família, do SBT, que foi ao ar no dia 3 de julho de 2016. Os episódios de cada programa foram editados para o grupo focal a fim de apresentar apenas os momentos em que as profissionais Drag Queens explicam sua arte e fazem sua performance, com o objetivo de analisar as informações propagadas na mídia sobre a Drag Queen e seu estilo performático. A realização do grupo focal se divide em duas partes. A primeira é focada no significado de Drag Queen na opinião das próprias profissionais participantes, no estilo de trabalho de cada uma delas e na mensagem transmitida por elas em sua performance. Na segunda parte do encontro foram apresentados os três vídeos dos programas citados acima e debatido se a Drag Queen apresentada neles representa as participantes da pesquisa.

Das cinco Drag Queens que participaram, duas delas começaram juntas e já fazem Drag há 5 meses. Uma delas é do sexo feminino e outra do sexo masculino. Um dos motivos indicados por elas para o início do trabalho foi o *reality show* *Rupaul's Drag Race*. Outra Drag participante começou antes do sucesso do programa e já faz Drag há nove anos. A próxima integrante faz Drag Queen há dois anos e afirma que prefere sair como Drag em festas que tem esta arte como tema. A última participante também já trabalha há alguns anos como Drag e seu trabalho está indo para um caminho mais profissional.



---

A primeira questão abordada na pesquisa foi entender o significado de Drag Queen para cada uma delas. A primeira afirma que ser Drag Queen é uma expressão artística finita, com começo, meio e fim. É onde ela encontrou uma forma para expressar sua capacidade criativa de ser humano enquanto homem, cisgênero e homossexual, de forma exagerada. A segunda participante a se pronunciar diz que ela enxerga a Drag Queen como um trabalho de autoafirmação e que cria coragem para subir no palco. Outra afirma que ser Drag Queen é uma “válvula de escape”, pois sempre esteve em meios machistas que lhe cortavam qualquer veia de criatividade. A quarta Drag Queen conta que a arte não se resume em peruca e sobrancelha, mas ao infinito, pois seu criador pode ser o que quiser. Por último, a quinta participante afirma que Drag Queen é um espaço onde ela pode usar a sua criatividade. Após conhecer o *reality show* *Rupaul’s Drag Race*, entendeu que não precisava fazer uma mulher de forma exagerada para ser Drag Queen. A personagem pode ser algo diferente – como a Nina Bonina Brown, do *reality*, que já fez um pêssego ou um extraterrestre.

Em relação ao estilo das personagens que participaram da pesquisa, as respostas mostraram a diversidade da arte Drag Queen. Uma delas afirma que sua Drag não tem sexo definido, mas que é a expressão do que gosta de fazer e do que é *fashion* para ele. Já, outra participante começou como uma *pageant* Queen, Drag de concurso de beleza, e este é o objetivo pessoal de seu autor: concorrer num concurso, além de entregar qualidade no palco com o *lipsync* (duplagem de uma música) e com o microfone.

Para definir seu estilo, outra Drag Queen entrevistada diz que ainda está encontrando sua personagem. Como tem amigas *beauty Drags*, Queens que apostam na beleza, ela acaba seguindo esse estilo, por admiração. Devagar, vai descobrindo qual vai ser o rosto de sua personagem. A quarta a descrever seu estilo, diz que é complicado defini-lo. Sempre teve uma iniciativa mais *comedy queen*, Drag Queen que trabalha com a comédia, mas acredita existir um padrão muito alto para este estilo. A última conta que sua Drag Queen começou numa festa a fantasia da Lana Del Rey, cantora americana com abordagens mais lentas e densas que tendem ao gótico. Acredita ter uma boa performance e seu estilo muda conforme vai acrescentando mais referências de gostos pessoais.

Em sua performance como Drag Queen, as participantes contaram o que buscam passar para seus ouvintes. Todas afirmam buscar passar a história de sua performance, seja na dublagem de uma música, na maquiagem ou em outra forma de expressão. A participante do sexo feminino, faz a observação de que Drag Queen não precisa fazer

---

dublagem de música para ser Drag. Ela já encontrou obstáculos para fazer *lipsync* por ser mulher e então aposta na maquiagem, sua paixão.

Diferente da definição de Drag Queen citada neste artigo, dita por Jesus (2012), se pode perceber que Drag Queen, para as participantes, não se trata apenas de uma pessoa que cria uma personagem feminina de forma exagerada. Qualquer pessoa pode fazer esta arte, independentemente de seu sexo, identidade de gênero ou orientação sexual. Estas questões se aplicam apenas ao sujeito que faz a Drag Queen, seu autor como pessoa real, e não a sua personagem, que é fictícia, desta forma, não possui gênero ou orientação sexual.

Para as profissionais participantes, Drag Queen é um papel em branco. Há infinitas possibilidades na hora de criar sua personagem Drag. A personagem feminina se tornou apenas uma das formas de exercer a arte e cada autor(a) a define de acordo com seus gostos e formas de expressão.

Neste momento fica mais fácil diferenciar a Drag Queen da travesti e da transexual. Como descreve Jesus (2012), a travesti e a transexual vivem o gênero feminino como identidade. No caso da Drag Queen, o gênero acontece na vivência do feminino de forma funcional, sendo uma personagem por determinado tempo. Já, para Chidiac e Oltramari (2004), a Drag Queen anda como homem em seu cotidiano, trabalha em profissões diversas e está num meio social diferente da travesti. Porém, a Drag Queen não precisa ter relação com o gênero feminino para exercer a arte. Ela pode viver este gênero de forma funcional, mas ao mesmo tempo pode trabalhar com personagens sem sexo ou identidade de gênero, o que afasta a Drag da transexualidade. Além disso, não há a necessidade de o sujeito que compõe a Drag Queen ser homem e viver deste jeito na sociedade, já que sua personagem é fictícia e independe de seu autor(a).

Foi possível verificar, também, como citado na página *Draglicius*, a variedade de estilos existentes no mundo Drag. Participaram da pesquisa a mulher que faz Drag Queen, a participante de concursos de beleza, a que não define o sexo de sua Drag, a personagem que tende ao gótico e a *comedy queen*, que aposta na comédia.

Na segunda parte do grupo focal, foram apresentados os vídeos selecionados para as Drags participantes com o intuito de analisar a representação da Drag Queen na TV aberta do Brasil, sob o ponto de vista das próprias profissionais. O primeiro a ser exibido foi o episódio do programa Amor e Sexo, da Rede Globo. Após assistir o vídeo, foi debatido o sentimento de representação da Drag Queen no programa de TV aberta. Para

a primeira participante, a abordagem do programa de levar três Drag Queens de estilos bem diferentes trouxe diversidade. Das que participaram do programa Amor e Sexo, há aquela que é incrível por ser uma obra de arte. Mostra que a Drag Queen não precisa ser feminina, nem masculina, mas, simplesmente, “algo maravilhoso”. A segunda Drag do programa se expressa diferente, se identifica como um cantor, em suas palavras. Não é *beauty Queen*, mas algo bem diferente, com referências femininas e masculinas. Já as Gingers, casal de Drags do programa, fazem tudo que usam, todas as suas roupas, perucas e maquiagem. O casal de Drags apresentado no Amor e Sexo mostra, em sua arte, que não é preciso ser solteiro(a) para fazer Drag. Por experiência com a própria família, a entrevistada conta que seus familiares acreditaram que ele, o autor de sua Drag, estava se prostituindo por estar fazendo Drag, e esta representação pôde ajudar a mudar esta imagem.

Já, para a segunda participante a representação ajudou sua mãe a entender mais sobre a arte que ela pratica, pois ela ainda acreditava que, por ser Drag, ela queria ser mulher e que estava se prostituindo. A terceira participante do grupo focal afirma que foi importante apresentar três estilos de Drags extremos. Estas três representações ajudaram a incluir todas as Drag Queens dentro de um espectro entre as participantes do programa. Ela também afirma que a abordagem do tema na Rede Globo “ajuda a mostrar que o assunto é relevante e que não existe problema em fazer Drag Queen”. Para a Drag Queen do gênero feminino, que participou do grupo focal, há outras Drag Queens brasileiras que poderiam ter participado do programa Amor e Sexo como protagonistas. Ela assume ser uma fã das Gingers, mas afirma que na plateia haviam Drags diferentes que poderiam ter sido apresentadas. Uma Drag gorda, ou uma Drag Queen negra ou uma Drag mulher. Com isso, afirma que se sente parcialmente representada. A última entrevistada a se pronunciar afirma que se sente representada pela Drag Queen que está no programa Amor e Sexo, porém, acredita que o programa poderia ter provocado mais os ouvintes com outros estilos de Drag Queens. Ela comenta que as Gingers não são femininas, mas sim bonecas. São estereótipos dos anos 50, bem específicos e exclusivos. Há no programa o roqueiro e o palhaço. Estes são ícones muito fáceis de assimilar que não geram confusão e que possuem referências claras. A Rede Globo poderia ter provocado mais as pessoas com outros estilos de drags e perfis de autores para mostrar a diversidade deste mundo.

O segundo vídeo apresentado foi do programa Encontro com Fátima Bernardes, da Rede Globo. A primeira opinião dada, fala da brincadeira que o programa fez ao

---

colocar uma peruca e alguns acessórios num convidado o intitulado como uma outra Drag Queen no programa. Para a entrevistada na pesquisa, isto foi uma brincadeira, porque a Drag Queen sempre se torna uma. Acrescenta, também, que mais uma vez a mulher que faz Drag não é representada e relaciona esta falta de representação com o machismo.

Para outra participante, a Drag Queen do programa foi apenas uma coadjuvante, poderia ter sido substituída por qualquer outra e que faltou preparação para a pauta no programa. Já, outra Drag Queen falou sobre o relato passado no programa da Fátima Bernardes de que as pessoas assobiavam para as Drags quando elas estavam na rua, mostrando que elas apoiavam a arte. Para a entrevistada, esses assobios não seriam de aplausos, mas sim pejorativos.

Outra participante comenta que o programa não provocou novamente, mesmo considerando o seu público-alvo e seu horário de exibição. A protagonista do programa estava vestida de rainha do gelo, uma caricatura da Drag Queen e uma expressão tolerável. Para a entrevistada, tudo estava dentro de um padrão que alivia o impacto da imagem Drag. Para ela, poderia ter sido apresentada uma drag negra ou gorda, por exemplo, mas “escolheram um homem branco, forte e que chama atenção na rua para o programa”. Ela afirma que se sente representada por estar na TV, mas que a diversidade da Drag Queen não foi abordada e, em sua opinião, deveria.

Para outra participante, o programa serviu algo fácil de ser recebido porque seu público-alvo não possui conhecimento suficiente para entender a complexidade da arte Drag Queen. Mesmo assim, para ela, esta representação é importante porque pode ajudar a transmitir o significado de sua arte para quem não conhece. Porém, para outra profissional presente no grupo, é preciso falar da complexidade da arte Drag Queen para passar a informação completa e seu entendimento. Caso o público-alvo não esteja preparado para receber estas informações, isto vai gerar curiosidade ou, ainda, a negação total do assunto. Para ela, uma arte disseminada pela metade, pode gerar mais desinformação sobre o tema.

Por último, foi apresentado o terceiro vídeo. Desta vez, o programa apresentado é da emissora SBT: Casos de Família. A primeira participante conta o que sentiu vendo o episódio: queria parar o vídeo, porque sentia que não era aquilo que estava sendo representado. Ela comenta que as pessoas do programa falaram que a Drag Queen participante era uma mulher, mas não é isso. Existem sim as Drags que fazem *female*

*impersonation* (personificação feminina), mas insistir nesse tipo de abordagem não representa todas as Drag Queens. A segunda participante, afirma que a única parte correta do programa, foi quando a Drag Queen protagonista falou sobre a diferença entre Drag e travesti, assim como a variedade de estilos Drag. O restante foi um “espetáculo de bizarrice, da má comunicação, da disputa pela audiência e da banalização do mal”. Ela também acrescenta que acredita que o público deste programa também precisa receber o trabalho excelente das Drag Queens, mas não foi o que aconteceu. Outra participante achou o episódio “péssimo”, mas que a Drag do programa disse tudo de forma correta com o tempo que lhe foi disponibilizado. Para ela, a representação “foram alguns passos para traz”. Comenta que já é difícil desmistificar o que é a Drag Queen e este programa acabou transformando tudo num “circo”.

Segundo Hall (2016) a representação é o uso da linguagem para expressar algo para outras pessoas e é uma parte essencial na produção e no compartilhamento de sentidos dentro de uma cultura. A mídia de massa é indicada como uma das estratégias para construir um novo sentido ao diferente e torná-lo compreensível. A representação do diferente também depende do conhecimento e de sua aceitação dentro de uma cultura.

Através dos relatos apresentados pelas Drag Queens profissionais que participaram da pesquisa, foi possível verificar que ainda existe muita informação atrelada à imagem da Drag Queen que não condiz com sua realidade. A confusão com a imagem da travesti, por exemplo, ou ainda, a pré concepção de que quem faz Drag deseja ser mulher, mostraram que o sentido atrelado à imagem Drag na sociedade não condiz com a realidade. Além disso, esta pesquisa mostrou que a representação da Drag Queen, nos vídeos apresentados, exibidos recentemente, não representam a Drag Queen, em sua totalidade. A diversidade de estilos, a diversidade dos perfis de pessoas que fazem Drag Queen, as dificuldades de fazer a arte e os conceitos que são previamente ligados ao artista não foram abordados na TV aberta.

### **Conclusão**

Através da realização da pesquisa, A representação da Drag Queen na TV aberta do Brasil, foi possível concluir que a arte Drag Queen tem ganhado destaque nos últimos anos, mas que sua representação não condiz, em sua totalidade, com a realidade. Para as profissionais Drag Queens que participaram da pesquisa, ainda há muitas questões nas representações analisadas que estereotipam a arte ou que a reduzem a apenas alguns estilos e perfis. A mulher Drag Queen, a negra ou a Drag gorda, não foram representadas

em nenhum dos vídeos mostrados. Além disso, a arte Drag Queen não se resume, somente, ao mundo LGBTQ+, em que apenas homens gays praticam a arte. Mostrar apenas estes perfis de autores, pode continuar a propagar o estereótipo de que esta é uma atividade exclusiva ao mundo LGBTQ+, e não é. Qualquer pessoa, independentemente de seu gênero, raça, orientação sexual, ou qualquer outra variante, pode fazer Drag Queen.

Além disso, uma das principais características da arte Drag Queen é a sua diversidade. Como profissionais de uma arte que entretém e, por consequência, é formadora de opinião, já que utiliza referências reais para sua execução, é importante que esta arte e sua diversidade sejam representadas da forma correta. A TV, como citado neste artigo, ainda molda hábitos na sociedade e é considerada como um meio estratégico de construção de sentido. Levando em consideração esta informação, a representação de qualquer grupo social e cultural deve ser propagada de forma que as pessoas se sintam representadas por ela.

Para melhor representar a Drag Queen na TV aberta do Brasil, é necessário apresentar uma variedade de estilo. Além disso, apresentar mulheres que fazem Drag Queen ajuda a mostrar que a arte não se resume a homens, muito menos à sua orientação sexual e identidade de gênero. Outra forma de abordagem que representa a diversidade da arte, é a representação de diferentes perfis de autores(as), como homens negros, mulheres negras, transexuais, pessoas gordas ou obesas, o homossexual, o heterossexual, etc. Como se trata de uma arte que possui uma enorme diversidade, para representá-la, há a necessidade de mostrar os inúmeros perfis de artistas, além de abordar as questões sociais relacionadas à arte, como o preconceito e as dificuldades do mercado.

### Referências bibliográficas

AMANAJÁS, Igor. **Drag Queen: um recurso histórico pela arte dos atores transformistas**. Disponível em:

<<http://www.belasartes.br/revistabelasartes/downloads/artigos/16/drag-queen-um-percursohistorico-pela-artedos-atores-transformistas.pdf>> Acesso em: 18 abr. 2017.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 8. ed. São Paulo: Ática, 1985. Disponível em

<<https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/brait-b-a-personagem.pdf>> Acesso em: 05 dez. 2016

CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva. 1968.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estud. av., São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173191, abr. 1991. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf>>. Acesso em 27 nov. 2016.

CHIDIAC, Maria Teresa Vargas; OLTRAMARI, Leandro Castro. **Ser e estar drag queen: um estudo sobre a configuração da identidade queer**. *Estud. psicol. (Natal)*, Natal, v. 9, n. 3, p. 471-478, Dec. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n3/a09v09n3.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2017.

DRAGLICIUS, **Facebook**. 11 de agosto 2015 Disponível em: <<https://www.facebook.com/dragliciouz/posts/741927252600174:0>>. Acesso em: 23 mai. 2017.

FOSTER, Gustavo. **"Cis, trans, pan, intersexual: entenda os termos de identidade e orientação sexual"**. *Jornal Zero Hora*, Porto Alegre, 31 de março de 2015. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/noticia/2015/03/cis-trans-pan-intersexual-entenda-ostermos-de-identidade-e-orientacao-sexual-4730566.html>>. Acesso em 23 abr. 2017.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: Conceitos e termos**. Brasília. Abril, 2012. Disponível em <[https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES\\_POPULA%C3%87%C3%83O\\_TRANS.pdf?1334065989](https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989)> Acesso em: 26 nov. 2016.

JESUS, Jordane Trindade de. RESENDE, Vitor Lopes. **A Televisão e sua influência como meio: uma breve historiografia**. Ouro Preto. Junho, 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-damidia-audiovisual-e-visual/a-televisao-e-sua-influencia-como-meio-uma-breve-historiografia>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 96 p.  
Site G1, Reality Show americano inspira nova geração de drag queens no Brasil. Disponível em <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/02/reality-show-americano-inspira-nova-geracao-dedrag-queens-no-brasil.html>> Acesso em 04 abr. 2017.

SPINK, M. J. P. **O Conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial**. *Cad. Saúde Públ.*, Rio de Janeiro, 9 (3): 300-308, jul/set, 1993.  
Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v9n3/17.pdf>> Acesso em: 27 nov. 2016

UOL, o melhor conteúdo. **Pablo Vittar é a drag queen com mais visualizações em clipe original no YouTube**. Disponível em: <<http://rollingstone.uol.com.br/noticia/pablo-vittar-e-drag-queencom-mais-visualizacoes-em-clipe-original-no-youtube/>>. Acesso em: 23 abr. 2017.